

AUTOMEDICAÇÃO NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE: RISCOS, IMPACTOS E O PAPEL DO FARMACÊUTICO

Ellen Juliana da Silva Santos¹.

¹UNIFAVIP, Bonito, Pernambuco.

DOI: 10.47094/IIICOBRAAFIMES.2026/RE/7

PALAVRAS-CHAVE: Automedicação. Atenção Primária. Riscos e automedicação.

ÁREA TEMÁTICA: Outros

INTRODUÇÃO

O Brasil tem vivenciado uma expressiva transição demográfica, com projeções que indicam aumento progressivo da população idosa nas próximas décadas. Esse cenário repercute diretamente no maior consumo de medicamentos, tornando mais frequentes situações relacionadas ao uso inadequado dessas substâncias. Entre essas situações, destaca-se a automedicação, prática que pode favorecer interações medicamentosas, agravamento de patologias e comprometimento dos resultados terapêuticos.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2000), a automedicação consiste no uso de medicamentos para tratar sintomas ou doenças autodiagnosticadas, sem prescrição ou acompanhamento de profissional habilitado. No contexto brasileiro, essa prática tem se intensificado, especialmente entre idosos, sendo influenciada pela facilidade de acesso aos medicamentos e pela ampla divulgação publicitária, associadas à insuficiência de ações educativas quanto aos riscos do uso irracional (Xavier et al., 2021; Santos et al., 2023).

Nesse panorama, a Atenção Primária à Saúde (APS), enquanto principal porta de entrada do sistema público, assume papel estratégico na promoção do uso racional de medicamentos. O farmacêutico, inserido na equipe multiprofissional da atenção básica, destaca-se como agente fundamental na orientação terapêutica, identificação de riscos e prevenção de eventos adversos. Assim, este estudo justifica-se pela necessidade de analisar os impactos da automedicação e evidenciar a relevância da atuação farmacêutica na APS como estratégia para a promoção da segurança e qualidade do cuidado em saúde.

OBJETIVO

Destacar, por meio da literatura científica, os problemas associados a automedicação, além disso, busca-se identificar os fatores de risco e os padrões comportamentais associados ao consumo de medicamentos sem orientação profissional.

METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como uma revisão de literatura de natureza aplicada e abordagem qualitativa, com caráter descritivo, fundamentada em artigos científicos publicados preferencialmente no período de 2015 a 2025. A busca foi realizada nas bases de dados Google Acadêmico, SciELO e LILACS. Ao final do processo de seleção, foram incluídos 12 artigos, nos idiomas português e inglês, utilizando-se como descritores: “Automedicação”, “Automedicação na Atenção Básica” e “Interações e problemas relacionados à automedicação”.

Os critérios de inclusão contemplaram publicações revisadas que abordassem os fatores associados à automedicação e seus impactos na Atenção Primária à Saúde. Foram excluídos estudos duplicados e aqueles que não apresentavam relação direta com a temática proposta. A análise dos dados foi conduzida por meio da organização em tópicos temáticos, assegurando sistematização e rigor científico ao estudo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diversos estudos comprovam que a automedicação é um problema encontrado em praticamente todas as faixas etárias, mas principalmente em idosos, visto que são mais suscetíveis a problemas de saúde. Os principais motivos incluem dores de cabeça, dente e coluna. Nos estudos conduzidos por Shafie et al. e AlQahtani et al. cerca de 70,7% dos indivíduos fizeram uso de medicamentos sem prescrição baseados na premissa da falta de gravidade deste problema comparado com os demais agravos à saúde.

Existem diversos problemas causados pela automedicação, principalmente em pacientes da terceira idade, que já possuem a sua capacidade funcional comprometida. O maior risco de eventos adversos é uma consequência da automedicação irresponsável, principalmente em pacientes idosos, que já costuma ser mais suscetível a apresentar efeitos colaterais no uso de muitos medicamentos. (Moreira; Lima; Sousa,2021)

Entre as classes mais utilizadas de medicamentos estão os analgésicos simples, anti-inflamatórios, medicamentos digestivos incluindo inibidores das bombas de prótons, antiácidos e psicotrópicos. Todas estas classes de medicamentos estão associadas a problemas como reações gastrointestinais, alterações hepáticas e renais, risco de dependência, mascaramento de sintomas clínicos e interações medicamentosas, especialmente quando utilizadas sem orientação profissional adequada.

Pode-se citar também que as interações medicamentosas ocorrem principalmente em decorrência da automedicação, visto que a maioria dos pacientes já fazem uso de outros medicamentos e passam a se automedicar de forma simultânea. Pacientes, por exemplo que fazem uso de anti-hipertensivos como losartana ou valsartana e passam a tomar anti-inflamatórios como ibuprofeno, existem chances de diminuição de efeitos dos anti-hipertensivos. Outro exemplo clássico, são os pacientes que tomam algum

psicotrópico e passam a tomar um anti-histamínico simultaneamente, podendo aumentar consideravelmente o efeito sedativo e os antibióticos usados por conta própria, associados ao aumento da resistência bacteriana.

Conclui-se, portanto que a automedicação apresenta elevada frequência na população, caracterizando-se como um comportamento recorrente e consolidado ao longo dos anos e está associada a diversos problemas patológicos leves ou graves e a permanência dessa prática evidencia a relevância de ações educativas e de políticas públicas direcionadas ao uso racional de medicamentos, com vistas à redução de possíveis riscos associados ao seu consumo sem orientação profissional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tendência do aumento do número de medicamentos está de acordo com a maioria da literatura e o uso múltiplo de medicamentos é comum em adultos com maior idade, pelo maior número de morbidades, no entanto requer maior atenção, tendo em vista que tal conduta está relacionada a riscos que podem comprometer a prescrição adequada, a adesão ao tratamento e favorecer a ocorrência de eventos adversos e demais impactos negativos à saúde.

A Atenção Básica à Saúde (ABS) configura-se como estratégia essencial para a redução desses eventos, considerando que representa o nível de atenção mais acessado pela população. Nesse contexto, torna-se fundamental implementar ações de educação em saúde, desenvolver campanhas de sensibilização e incorporar ferramentas tecnológicas que auxiliem no monitoramento e na orientação quanto ao uso adequado de medicamentos. Além disso, é indispensável investir na qualificação contínua dos profissionais de saúde, a fim de garantir maior segurança e precisão nas condutas adotadas.

PRINCIPAIS REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Vivian Ferreira et al. Fatores sociodemográficos, culturais e comportamentais da automedicação em unidades de Atenção Primária à Saúde na Amazônia. *Cuadernos de Educación y Desarrollo*, v. 17, n. 8, p. e9124, 2025.

ALQAHTANI, H. A. et al. Self-medication for oral health problems among adults attending the University Dental Hospital, Sharjah. *Journal of Taibah University Medical Sciences*, v. 14, n. 4, p. 370-375, 2019.

ARRAIS, Paulo Sérgio Dourado et al. Prevalência da automedicação no Brasil e fatores associados. *Revista de Saúde Pública*, v. 50, p. 13s, 2016.

ASSUNÇÃO, Élide Lúcia Ferreira et al. Automedicação em idosos: uma investigação na atenção primária à saúde para uma abordagem integral. *Revista Coopex*, v. 15, n. 3, p. 5631-5642, 2024.

- BATISTA, Julia Arruda et al. Automedicação e saúde pública: dimensionamento dos fatores de risco e comportamentos de saúde. *Fármacos*, v. 10, 2021.
- MOREIRA, E. M. F.; LIMA, A. L. V.; SOUSA, M. N. A. Riscos da automedicação entre idosos. *Bioethics Archives, Management and Health*, v. 1, n. 1, p. 169-178, 2021.
- MOREIRA, Thais de Abreu et al. Uso de medicamentos por adultos na atenção primária: inquérito em serviços de saúde de Minas Gerais, Brasil. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, v. 23, p. e200025, 2020.
- SANTOS, G. G. et al. Os riscos da automedicação: a importância da prescrição farmacêutica. *Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro*, v. 4, n. 1, 2023.
- SHAFIE, M. et al. Prevalence and determinants of self medication practice among selected households in Addis Ababa community. *PLoS ONE*, v. 13, n. 3, e0194122, 2018.
- SILVA, Islany Dynara Diogenes et al. Acesso e implicações da automedicação em idosos na atenção primária à saúde. *Journal Health NPEPS*, v. 4, n. 2, p. 132-150, 2019.
- SILVA, Thalita Cristinny Araujo et al. Automedicação em idosos da atenção básica. *Revista Enfermagem Contemporânea*, v. 10, n. 2, p. 188-196, 2021.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Guidelines for the regulatory assessment of medicinal products for use in self-medication*. Geneva: World Health Organization, 2000.
- XAVIER, M. S. et al. Automedicação e o risco à saúde: uma revisão de literatura. *Brazilian Journal of Health Review*, v. 4, n. 1, p. 225-240, 2021.